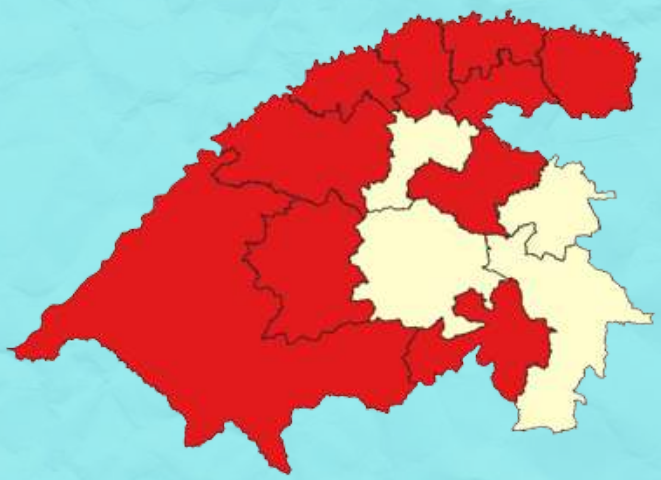
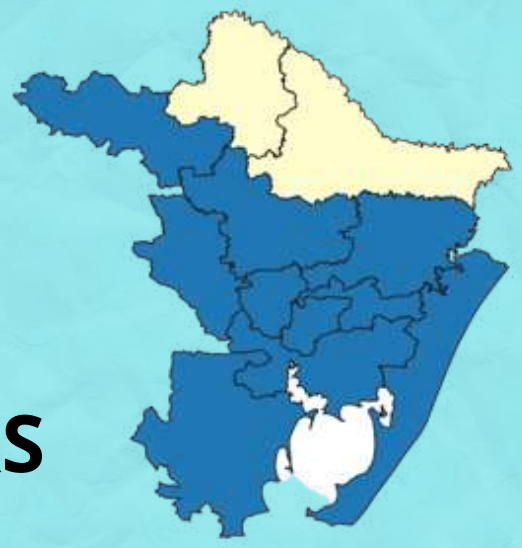


SEMINÁRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO RS

DESIGUALDADES REGIONAIS E PLANEJAMENTO FEDERATIVO NO RS



DA EXPERIÊNCIA ACUMULADA ÀS NOVAS PERSPECTIVAS.

CAPES

FACCAT

Editora Conceito

SEMINÁRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO RS

DESIGUALDADES REGIONAIS E PLANEJAMENTO FEDERATIVO NO RIO GRANDE DO SUL:

DA EXPERIÊNCIA ACUMULADA ÀS NOVAS PERSPECTIVAS

Editora Conceito
desde 1998

1ª Edição
Uruguaiana
2023

Editores / Organizadores do E-Book

(em ordem alfabética)

Allan Lemos Rocha

Estatístico e Diretor da Paradoxo Consultora Econômica

Benedito Tadeu César

Cientista Político, Professor Aposentado da UFRGS e Coordenador da Rede Estação Democracia (RED)

Carlos Águedo Paiva

Economista, Diretor-Presidente da Paradoxo Consultoria Econômica e Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT

Roberto Ramos Morais

Administrador de Empresas, Vice-Diretor de Pesquisa e Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT

© dos autores

Desigualdades regionais e planejamento federativo no Rio Grande do Sul: Da experiência acumulada às novas perspectivas
Organizadores: Allan Lemos Rocha, Benedito Tadeu Cesar, Carlos Aguedo Paiva, Roberto Tadeu Ramos Morais
Edição: Cezar Brites

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

D457 Desigualdades regionais e planejamento federativo no Rio Grande do Sul: da experiência acumulada às novas perspectivas [e-book] / Allan Lemos Rocha, Benedito Tadeu Cesar, Carlos Aguedo Paiva, Roberto Tadeu Ramos Morais (Orgs.). – 1. ed. Uruaguaiana: Conceito, 2023. 400 p.: il.; 29,7 cm.

ISBN: 978-65-87879-32-1

1. Desenvolvimento Regional. 2. Desigualdade Regional. 3. Gestão Política. I. Rocha, Allan Lemos (Org.). II. Cesar, Benedito Tadeu (Org.). III. Paiva, Carlos Aguedo (Org.). IV. Morais, Roberto Tadeu (Org.). V. Título.

CDD 330.98165

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:
1. Desenvolvimento Regional
2. Desigualdade Regional
3. Gestão Política

DOI: 10.29327/5273073
Link para a Publicação: https://doi.org/10.29327/5273073

Todos os direitos de publicação reservados à Editora Conceito. Não é permitida a reprodução total ou parcial deste volume, sob quaisquer meios (eletrônico, digital ou mecânico), sem permissão expressa dos autores.
Publicado no Brasil, 2023.

Editora Conceito
desde 1998

Rua Dr. Maia, 2673/4, Centro, Uruguaiana-RS CEP 97502-701
www.editoraconceito.com.br
editoraconceito@yahoo.com.br

1. A evolução das desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: um olhar demográfico

Ricardo Dagnino[29]

O debate sobre a relação entre demografia e desenvolvimento no Rio Grande do Sul está sendo retomado agora com muita pertinência pelo Professor Carlos Paiva, organizador deste Seminário sobre Desenvolvimento, Desigualdades Regionais e Planejamento Federativo no Rio Grande do Sul e que me convidou para esta mesa 4 sobre As desigualdades Regionais e o papel das Universidades Regionais em seu diagnóstico e enfrentamento.

Questão de fundo: a limitação dos indicadores econômicos

Como o convite foi feito direcionado para as questões demográficas, vou procurar não fugir do tema e já gostaria de iniciar com uma afirmação do Carlos Paiva (2022) durante a Mesa 2 deste seminário que para mim é uma questão de fundo: "A concentração espacial da riqueza, da renda e do emprego continua ocorrendo aceleradamente no RS, mas isso está mascarado por causa do uso do PIB como indicador de desenvolvimento." Durante a apresentação de Paiva, ele propõe que, além do PIB, devemos utilizar outros indicadores também econômicos, mas aliados a um olhar para indicadores demográficos para compreender as dinâmicas regionais. E isto não é novidade. Esta sinalização para inclusão de outros indicadores, inclusive demográficos, já havia sido proposta antes por ele no Texto para Discussão da Fundação de Economia e Estatística (FEE): "[...] o fundamento primeiro das desigualdades regionais é múltiplo e contingente, não podendo ser explicado em termos exclusivamente econômicos" (PAIVA, 2008, p. 23). Corroborando com Paiva (2008, 2022), defendo a ideia de que um olhar sobre a desigualdade baseada exclusivamente em indicadores econômicos será insuficiente.

Observemos alguns mapas que eu preparei a partir dos dados disponibilizados digitalmente e gratuitamente pela nossa extinta e saudosa FEE . No âmbito do Índice

[29] Doutor em Demografia pela Unicamp. É coordenador do projeto de pesquisa SIG Litoral Norte e do projeto de extensão Agricultura urbana e periurbana: alimentação, educação e saúde. Atualmente é professor no Campos Litoral Norte da UFRGS.

de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE) do Rio Grande do Sul, iniciamos pelos mapas do IDESE - Renda, que agrega dois indicadores: de um lado, o indicador de geração, que é o PIB per capita, e de outro, a apropriação, que é a renda per capita. Percebe-se que entre 2010 e 2019 a economia vem crescendo em todo o Estado (DEE, s/d.). Nos mapas, quanto mais escuro mais aumento, então não temos nenhum município com IDESE Renda diminuindo, embora alguns estejam estacionados no mesmo patamar de 2010. Quando comparamos o mapa de renda em 2010, elaborado pela equipe do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020) com os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o IDESE Renda de 2010 vê-se que ela também é uma renda positiva. Importante notar que nós sempre estamos falando de dados relativamente desatualizados, pois o IDESE se baseia na renda e no PIB, sendo que o PIB é anualmente atualizado, mas a renda não há, dependendo do Censo demográfico e outros levantamentos do IBGE.

Desigualdades regionais estruturais e históricas

Antes de entrar realmente nas questões demográficas, eu queria também lembrar da mesa 2, a fala do Paulo Timm "O Papel do Estado no Processo de Desenvolvimento Capitalista no RS: uma perspectiva de longa duração". Ele lembrou questões estruturais e históricas muito importantes para pensarmos o desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Além das questões que Timm já trouxe sobre o Brasil Império, Era Vargas, entre outras, gostaria de lembrar a forma como o povoamento foi feito sobre o que hoje conhecemos como Estado do Rio Grande do Sul, passando por cima de populações que aqui já existiam, populações originárias e indígenas (RS, 2002, p. 8). Esta lembrança é importante para nunca perder de vista a questão histórica, chamando a atenção para um ramo importante da demografia que é a demografia histórica que a gente poderia trabalhar em conjunto para pensar a evolução das desigualdades regionais.

Uma outra questão bem importante é como o Estado do Rio Grande do Sul, desde os anos 1950, tem um saldo migratório negativo, ou seja, o Estado envia mais gaúchos para o Brasil do que recebe do restante do Brasil (RS, 2002, p. 48). Não é por acaso que esses gaúchos estão concentrados na faixa de fronteira da expansão agrícola mineral especulativa, em especial os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Amazonas. No mapa fica evidente esse caminho trilhado pelos gaúchos em

direção à Amazônia, emigrando do RS para o norte, passando pelos estados sulinos de Santa Catarina e Paraná, no qual os gaúchos vão em busca de terras, fugindo de uma modernização conservadora, políticas fundiárias conservadoras e retrógradas beneficiando os latifúndios e sem atenção aos pequenos proprietários e agricultura familiar. São fatores diretamente ligados com esse fluxo de expulsão de gaúchos. Então é importante a gente ter em mente esse cenário formado pela questão do êxodo rural aliado à questão da migração muito conectada com as faltas de perspectiva colocadas por Gaúcho no Rural, principalmente, mas não só no êxodo rural, porque sempre que nós estamos falando de reforma agrária nós temos que lembrar sua contraparte que é a reforma urbana, que também não existe no Brasil.

Mas enfim, qual seria o principal indicador para pensarmos a desigualdade no nosso território? O Paiva (2022) provocou na fala dele que PIB não vai funcionar, e a renda também é um indicador frágil.

A sobrevivência humana como indicador relevante

Então, se renda e PIB, dois dos principais indicadores para pensar a desigualdade são indicadores frágeis, quais poderiam ser as alternativas? Eu chamo atenção para um importante indicador de sobrevivência humana que é a expectativa de vida ou esperança de vida ao nascer e que poderia contribuir para pensar a desigualdade.

Estou me baseando no trabalho de Charles Wood e do José Magno de Carvalho, economistas e demógrafos, um norte-americano e um brasileiro, que no livro "A demografia da desigualdade no Brasil" diziam que a esperança de vida ou a expectativa de vida é um ótimo indicador para pensarmos as condições de vida (WOOD; CARVALHO, 1994). Ele é muito usado para substituir ou complementar indicadores de renda, principalmente onde o trabalho não gera necessariamente renda monetária (por exemplo, no sistema de escambo, baseado em trocas) ou onde os ganhos econômicos advêm de formas de trabalho informal, sazonal ou trabalho temporário que são difíceis de serem captadas pelas estatísticas oficiais. Como é, por exemplo, o caso do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, onde eu trabalho, e onde os ganhos econômicos das populações dependem de fatores como a sazonalidade, a questão de

veraneio, a própria questão dos ritmos da pesca e da Agricultura Familiar. Nesses casos, os ganhos recebidos pelos trabalhadores não vão aparecer adequadamente no indicador renda. Em casos como estes, seria útil usar outros indicadores que se aproximam de uma condição de vida considerada aceitável ou adequada e neste caso a esperança de vida poderia ser útil. Este indicador é de fácil compreensão, pois é medido em anos de vida e, para fins comparativos, ela é consistente, porque ela não é afetada pela composição etária da população, o que requer menos trabalho na análise em relação a outros indicadores demográficos.

Além disso, os avanços da expectativa de vida estão ligados diretamente ao declínio da mortalidade proporcionada pelas melhorias nos padrões de vida, principalmente no saneamento e os avanços na saúde. Ela é uma medida útil para captar essa questão da população informal e está correlacionada com a mortalidade infantil, que é muito importante para nós enquanto sociedade que valoriza a vida. Ou seja, existe uma correlação negativa entre a Mortalidade Infantil e a Expectativa de vida, de maneira em que o aumento da expectativa de vida tem como uma das causas a diminuição da Mortalidade Infantil.

Para ilustrar, vejamos a mudança na estrutura etária do Rio Grande do Sul (RS, 2020), entre 1970 e 2010. Partimos de uma pirâmide etária em 1970 com uma grande presença de crianças e jovens na base da pirâmide, para uma estrutura etária em 2010 não mais piramidal, mas em forma de ogiva, com menos crianças na população. Esta mudança na estrutura da população é explicada pelo envelhecimento da população, muito proporcionada por essa questão da diminuição da mortalidade infantil e o aumento da esperança de vida ou da expectativa de vida.

E quando olhamos para os mapas da Expectativa de vida ao nascer nos municípios gaúchos, elaborado a partir dos dados da FEE (DEE, s.d.), podemos perceber um aumento significativo da expectativa de vida no Rio Grande do Sul. Para quem não está acostumado a interpretar mapas, explico que, quanto mais escura for a cor do município, maior é a expectativa em anos de vida neste município. Então nós temos 1991 2000 e 2010, podemos observar um “avermelhamento” desse mapa, cada vez mais tons fortes de vermelho, isso significa um aumento na expectativa de vida medida em anos.

A partir dos dados brutos de expectativa de vida (DEEDADOS, s.d.) podemos elaborar no ArcGis dois mapas, um mostrando os anos de vida ganhos em média pela população residente de cada município entre 1991 e 2010, nesse caso, as cores mais escuras representam municípios em que a média da expectativa de vida aumentou entre 9 e 12 anos entre 1991 e 2010, e os mais claros entre 3 a 5 anos. E outro mapa apresentando a variação percentual no indicador, que está correlacionado positivamente com o primeiro mapa. O que é importante observar é que, em média, o Rio Grande do Sul inteiro teve um aumento de anos de vida, sendo que alguns municípios ganharam mais do que outros.

Quando se trabalha com análise de dados geoestatísticos e espacialização de dados em formas de mapas é importante lembrar do Problema das Unidades de Área Modificáveis (MAUP), bem como das falácias escalar e ecológica, ambas explicadas por Carlos Paiva (2013) no livro Fundamentos da Análise e do Planejamento de Economias Regionais. Nesse sentido, eu concordo com a professora Maria Alice Lahorgue sobre a importância da análise de dados por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), contudo deve se ter cautela pois estes problemas mencionados por Paiva são ainda importantes quando se trabalha com dados agregados em diferentes escalas, como é o caso dos dados municipais agregados por Coredes. Isto ocorre porque ao agregar vários municípios em uma outra unidade espacial nós estaremos, necessariamente, perdendo informações específicas de cada um deles. Preparei um painel com dois mapas que mostram a expectativa de vida em 2000, sendo um por município e outro por Coredes. Então quando observamos os Coredes, nós perdemos a diversidade das informações dos municípios, por isso é importante olhar as informações o mais desagregadas possíveis, inclusive porque muitas vezes a diversidade regional nem sempre é uma desigualdade.

O índice de envelhecimento está também muito relacionado às questões de mortalidade, a nossa diminuição da mortalidade infantil e o aumento relativo dos idosos. O Rio Grande do Sul é o campeão no índice de envelhecimento no Brasil. Nós temos aqui a mesma questão da desagregação, dessa vez com os dados de 2020, com os Coredes na esquerda e por município na direita. Então podemos observar que por Corede às vezes mascara as informações dos municípios.

Crescimento e (Re)distribuição da população

As taxas de crescimento demográfico entre 2010 e 2020, tanto no Brasil, quanto no estado do Rio Grande do Sul e em vários municípios gaúchos estão decaindo, ou seja, a população está crescendo em um ritmo mais lento e alguns municípios estão perdendo população em termos absolutos.

Embora o cálculo do crescimento demográfico utilize estimativas populacionais projetadas pelo IBGE em 2018, elas estão embasadas na noção de que o país vive um processo intenso de Transição demográfica iniciado em anos anteriores no qual existe uma tendência de diminuição no ritmo de crescimento tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul. Evidentemente que os dados mais recentes serão impactados pelos efeitos diretos da COVID-19 sobre a saúde humana e a dinâmica demográfica, além dos efeitos indiretos caracterizados pelo negacionismo científico, desvio de verbas para compra de vacinas, etc. Por isso, estamos aguardando ansiosamente os dados do Censo 2020. Mas o que já se sabia, é que nós estávamos com uma taxa de crescimento muito baixa, muitos municípios com taxa negativa, ou seja, a população já estaria diminuindo em termos absolutos ou diminuindo por crescimento vegetativo, com diminuição de filhos, etc.

Os gráficos mostrando as taxas de fecundidade, o número médio de filhos por mulher no Rio Grande do Sul apresenta valores bem abaixo do nível de reposição populacional, 2,1 filhos por mulher. Os dados projetados para 2020, baseados naquela projeção do IBGE atualizada em 2018, mostram uma média de 1,7 filhos por mulher, isto é, bem abaixo da taxa de reposição. Isso demonstra um decréscimo da população esperado para o período entre 2025-2030 no Rio Grande do Sul. Em poucos anos nós vamos parar de crescer em termos absolutos, e isso tem uma série de implicações em termos de previdência, em termos de políticas públicas de atenção aos idosos.

Em suma, esse (de)crescimento está aliado à (re)distribuição da população no território gaúcho que por sua vez também está associado com fatores do passado, como a formação do estado e suas desigualdades regionais estruturais e históricas, que tratamos anteriormente, além de tendências mais recentes e futuras que foram esboçadas pelo geógrafo, antigo técnico da FEE, Ivan Tartaruga (2014) no seu trabalho sobre a Modelização do Potencial de inovação do Rio Grande do Sul.

Considerações finais

O olhar demográfico sobre as desigualdades regionais desperta uma série de ideias com amplos e profundos desdobramentos socioeconômicos que não se restringem ao que foi apresentado aqui. Este tema poderia ser aprofundado em um outro evento de Desenvolvimento Regional para pensarmos essas questões relacionadas à Transição demográfica, ao aumento da expectativa de vida, redução no número de crianças e ao envelhecimento populacional. Inclusive, pensando no último dia deste seminário no qual serão ouvidos os candidatos ao governo do Estado nas próximas eleições, é interessante saber dos candidatos a governador(a) do Estado o que eles têm a dizer sobre essa da Transição demográfica que estamos vivenciando. Entendendo que esta transição se soma a outras, como a transição urbana, que se reflete no aumento da densidade demográfica aliada ao crescimento do grau de urbanização, a transição educacional, com o aumento da escolaridade associado à interiorização do ensino superior e técnico, dentre outras.

Por fim, é importante ressaltar que essas políticas que propõe acabar com a população não são a solução. Muitos já tentaram e muitos ainda estão tentando, seja através de "limpeza étnica", uma limpeza populacional, neomalthusianismo, um genocídio. Nada disso vai acontecer! A população brasileira e gaúcha está mostrando isso. As últimas pesquisas de intenção eleitoral estão mostrando que a população quer uma reviravolta, a população não está aceitando morrer de fome, pagar um preço demasiadamente elevado para morar ou para se movimentar no espaço da cidade ou entre as localidades. A população não está disposta a conviver com o negacionismo, negacionismo que além de científico, é um negacionismo da realidade da vida cotidiana, da vida humana.

Então a política que tem que ser pensada é o que nós vamos fazer com a população. Tem que debater previdência, tem que debater mobilidade, tem que debater reforma agrária, tem que debater uso de agrotóxicos, a poluição hídrica inclusive da água que chega nas torneiras das nossas residências. Então temos que fazer um debate amplo sobre a sobrevivência da população.

Referências

ÁVILA, R. e MONASTERIO, L. (2006) "O MAUP e a Análise Espacial: um estudo de caso para o Rio Grande do Sul (1991-2000). In: Anais do Terceiro Encontro de

Economia Gaúcha. Porto Alegre: FEE / PUC-RS. Disponível no site da FEE em: http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m23t01.pdf

DAGNINO, Ricardo. Expectativa de vida ao nascer nos municípios do Rio Grande do Sul, Brasil - 1991, 2000, 2010. Harvard Dataverse, 2022. https://doi.org/10.7910/DVN/XTDKHG

DEE - Departamento de Economia e Estatística. DEEDADOS. Porto Alegre: Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, s/d. (Coordenação: Bruno Paim, Pedro Tonon Zuanazzi. Interfaces e desenvolvimento: EGEOS-Consultoria e Sistemas de Informação Ltda. Equipe Técnica: André Luiz Leite Chaves, Antônio Ricardo Belo, Josué Klafke Sperb). http://feedados.fee.tche.br/. Todos os dados foram consultados em julho de 2022.

OPENSHAW, S. and TAYLOR, P. J. (1979). A million or so correlation coefficients: three experiments on the modifiable areal unit problem. In: WRIGLEY, N. (org.) Statistical Applications in the Spatial Sciences. London: Pion Limited.

PAIVA, C. A. Por que alguns municípios gaúchos crescem tanto e outros tão pouco? Um estudo sobre a evolução das desigualdades territoriais no RS entre 1970-2000.

Textos para discussão FEE, n. 35, 2008. Disponível em: https://territoriopaiva.com.br/producao-teorica/textos-para-discussao/divulgados-em-outras-paginas

PAIVA, C. Fundamentos da Análise e do Planejamento de Economias Regionais. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, 2013. https://professor.ufrgs.br/dagnino/files/paiva_2013_fundamentos_da_analise_e_do_planejamento_1.pdf

PAIVA, Carlos. A dinâmica recente da economia gaúcha. Aprofundamento das desigualdades regionais e perda de expressão relativa na Economia brasileira. (Apresentação realizada durante a Mesa 2: Os desafios do desenvolvimento do RS e as desigualdades regionais: diagnóstico e políticas de enfrentamento no Seminário Desigualdades Regionais e Planejamento Federativo). Porto Alegre, 2022. https://youtu.be/xZLr0LtNV7M?t=9873

PERES DE ÁVILA, R.; MONASTERIO, L. (2009). O MAUP e a Análise Espacial: um estudo de caso para o Rio Grande do Sul (1991-2000). Análise Econômica, 26(49). https://doi.org/10.22456/2176-5456.1115

RS - Rio Grande do Sul. Atlas Socioeconômico: Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Coordenação e Planejamento (SCP), 2002. 2. edição.

https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/22165117-atlas-socioeconomico-do-rs-2-eda.pdf e https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/15-anos-do-atlas-socioeconomico-do-rs

RS. Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Planejamento Governamental, 2020. 5 ed. ISBN 9786587878003. https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ficha-catalografica e https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/15-anos-do-atlas-socioeconomico-do-rs

TARTARUGA, I. G. P. Inovação, território e cooperação: Um novo panorama da Geografia Econômica do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 334 f. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106435>. Acesso em: 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 179-188, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123894>. Acesso em: 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé. Chaves para a leitura do território paulista. Confins – Revista Franco Brasileira de Geografia, n. 1, p. 1-13, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/25>. Acesso em 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. Atlas do Brasil: Disparidades e dinâmicas do território. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

WOOD, C.; CARVALHO, J. A demografia da desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1994. (1ª Edição em inglês: The Demography of Inequality in Brazil - 1988) https://doi.org/10.1017/CBO9780511759901

Abaixo estão reproduzidos os slides apresentados pelo expositor.

A evolução das desigualdades regionais no RS: um olhar demográfico

Seminário sobre Desenvolvimento, Desigualdades Regionais e Planejamento Federativo no Rio Grande do Sul - Mesa 4: As desigualdades Regionais e o papel das Universidades Regionais em seu diagnóstico e enfrentamento - 6/07/2022

Ricardo Dagnino
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
https://professor.ufrgs.br/dagnino

1

Questões de fundo

"A concentração espacial da riqueza, da renda e do emprego continua ocorrendo aceleradamente no RS, mas isso está mascarado por causa do uso do PIB como indicador de desenvolvimento."

Ao invés do PIB e outros indicadores econômicos devemos olhar para indicadores demográficos para compreender as dinâmicas regionais.

PAIVA, Carlos - 2022 - Mesa 2: Os desafios do desenvolvimento do RS e as desigualdades regionais: diagnóstico e políticas de enfrentamento - Seminário Desigualdades Regionais e Planejamento Federativo - https://youtu.be/xZLr0LtNV7M?t=9873

2

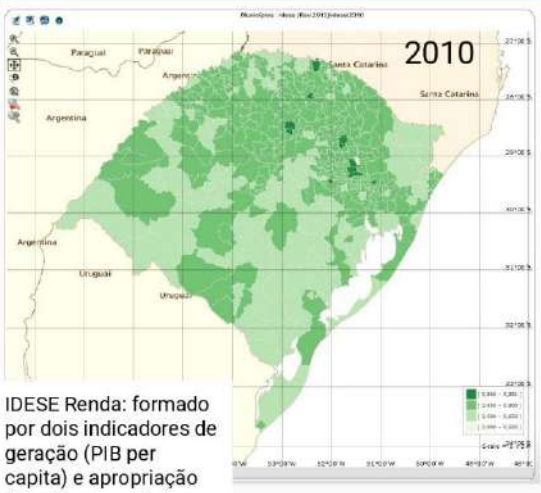
Questões de fundo

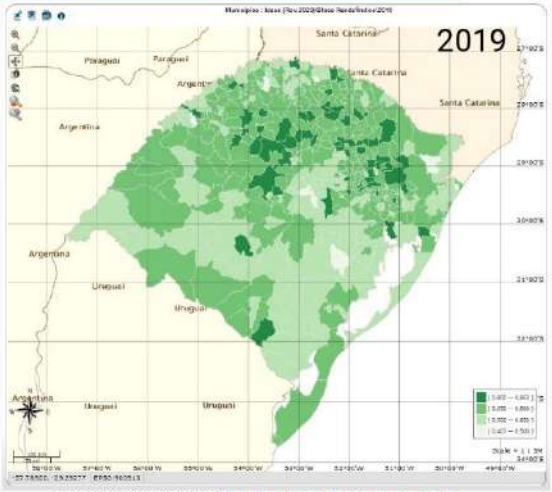
"[...] o fundamento primeiro das desigualdades regionais é múltiplo e contingente, não podendo ser explicado em termos exclusivamente econômicos."

PAIVA, Carlos - 2008 - Por que alguns municípios crescem tanto e outros tão pouco? in: PAIVA, C. (org.) A evolução das desigualdades territoriais no Rio Grande do Sul entre 1970 e 2000. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2008.
https://territoriopaiva.com.br/producao-teorica/livros/autor

3

Índice de Desenvolvimento Socioeconômico IDESE -Renda



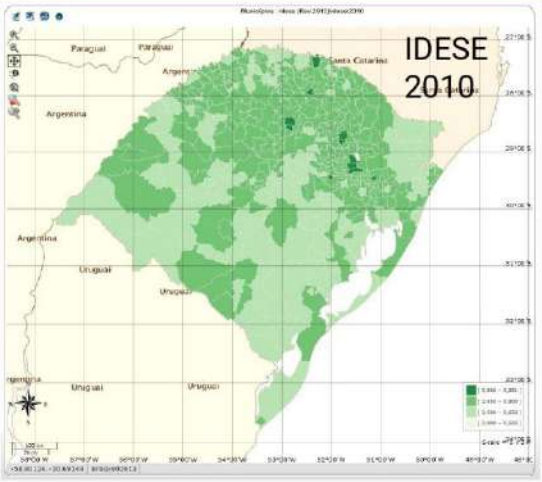


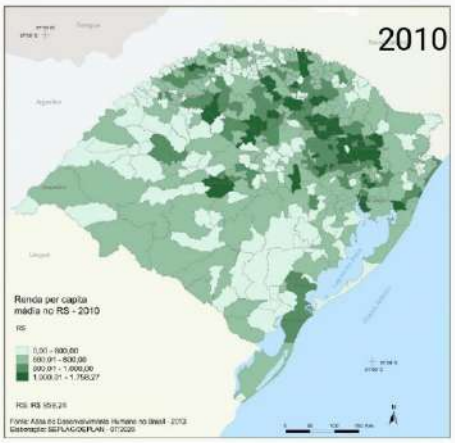
IDESE Renda: formado por dois indicadores de geração (PIB per capita) e apropriação (Renda per capita).

Fonte ds dados: DEE (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://bit.ly/colorbrewer4green

4

IDESE Renda X Renda per capita





Fonte ds dados: DEE (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://bit.ly/colorbrewer4green

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)

5

Desigualdades regionais estruturais e históricas

6

Atlas - RS (2002, p. 8)

Rio Grande do Sul. Atlas Socioeconômico: Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Coordenação e Planejamento (SCP), 2002. 2. edição.
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/22165117-atlas-socioeconomico-do-rs-2-eda.pdf

https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/15-anos-do-atlas-socioeconomico-do-rs

7

Atlas RS (2002, p. 46)

Rio Grande do Sul. Atlas Socioeconômico: Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Coordenação e Planejamento (SCP), 2002. 2. edição.
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/22165117-atlas-socioeconomico-do-rs-2-eda.pdf

8

A sobrevivência humana como principal indicador

9

Esperança ou Expectativa de vida

WOOD, C.; CARVALHO, J. A demografia da desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1994. (1ª Edição em inglês: 1988) - páginas 102-103

"O número médio de anos de esperança de vida ao nascer é medida conhecida de mortalidade.

Porque a expectativa de vida se expressa em anos, o conceito é imediatamente interpretável.

Pode-se também utilizar a medida para fins comparativos uma vez que a expectativa de vida não é afetada pela composição etária da população, fator este que contamina outros indicadores, tais como a taxa bruta de mortalidade."

10

Esperança ou Expectativa de vida

WOOD, C.; CARVALHO, J. A demografia da desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1994. (1ª Edição em inglês: 1988) - páginas 102-103

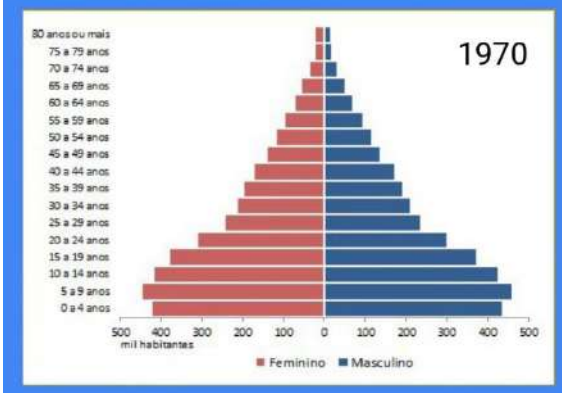
Os avanços na Expectativa de vida estão ligados diretamente ao declínio da mortalidade proporcionada pelas melhorias nos padrões de vida da população, saneamento e avanços na saúde.

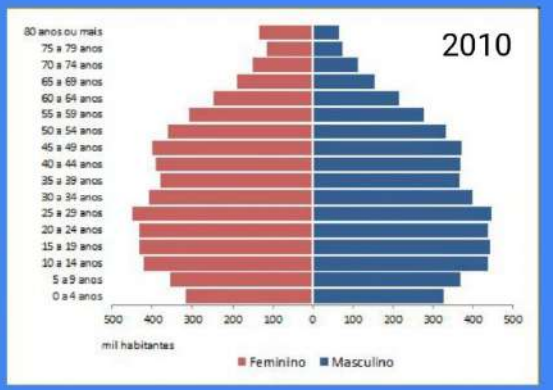
Medida útil para captar as condições de vida em populações ocupadas no setor informal, mercado sazonal.

Correlação com a Mortalidade Infantil (quando diminui a MI aumenta a Expectativa de vida.

11

Estrutura da população





Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/piramides-etarias-e-envelhecimento-da-populacao

12

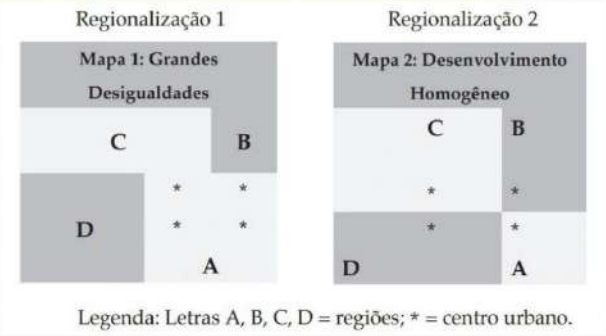
Expectativa de vida ao nascer (em anos)
1991
2000
2010
[74,00 -- 78,00]
[70,00 -- 74,00)
[66,00 -- 70,00)
[64,09 -- 66,00)
Dados: DEEDADOS
http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://bit.ly/colorbrewer4red
13

STOP
ATENÇÃO
Antes de continuar precisamos falar sobre MAUP - Problema das Unidades de Área Modificáveis!

MAUP: Problema das Unidades de Área Modificáveis

"[...] todos os vieses potencialmente impostos pelo padrão de regionalização sobre as estatísticas espaciais passaram a ser tratados como distintas manifestações do "MAUP", sigla criada com base no subtítulo do trabalho de Openshaw e Taylor (1979)" (PAIVA, 2013, p. 52)

"Na realidade, os resultados encontrados por Openshaw e Taylor demonstram que a mesma base de dados submetida a distintos padrões de agrupamento territorial geram resultados antagônicos. (PAIVA, 2013, p. 50)



"Em suma: **basta regionalizar "bem" para obter o resultado que mais convém."**
(PAIVA, 2013, p. 50)

15

MAUP e Falácia ecológica e escalar

Falácia Escalar: viés imposto por fazer inferências para a parte com base nas estatísticas do todo.

Falácia Ecológica: viés imposto pela agregação de áreas inconsistentes (essencialmente heterogêneas)

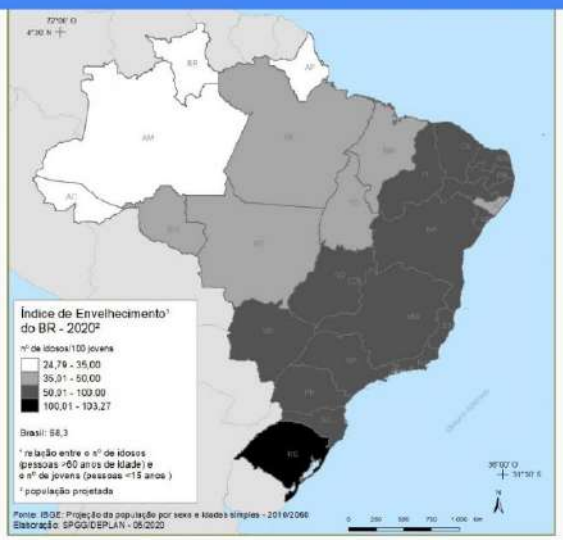
(PAIVA, 2013, p. 52)

"A distinção entre **falácia escalar** e **falácia ecológica** pressupõe a distinção entre macrorregiões (agregações de regiões menores) consistentes e inconsistentes. E, de forma ainda mais geral, a própria categoria "falácia" pressupõe a possibilidade de hierarquizar informações estatísticas espacializadas por sua adequação à realidade e/ou capacidade de traduzir alguma "essência" ou "verdade" territorial."

(PAIVA, 2013, p. 55-56)

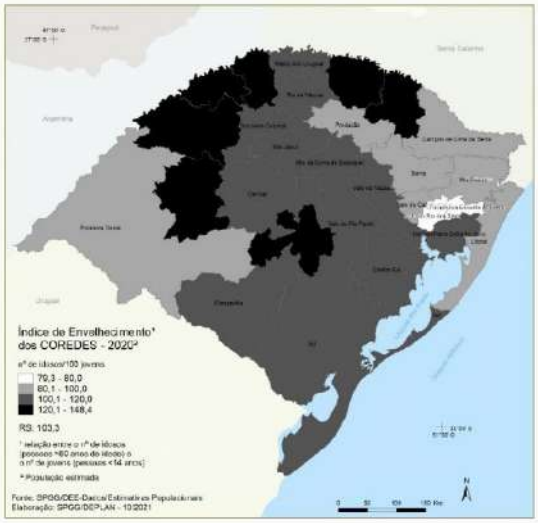
16

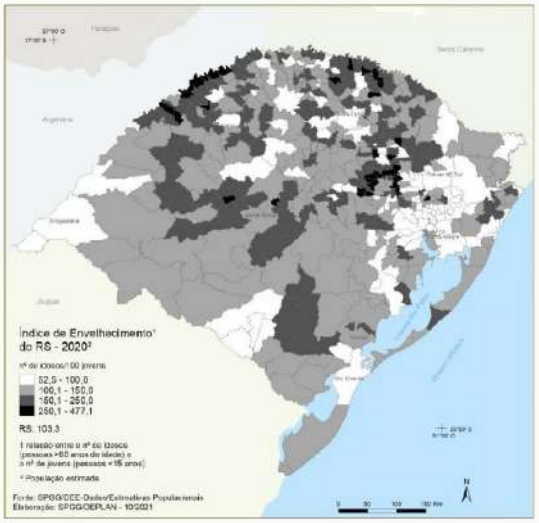
Índice de envelhecimento



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/piramides-etarias-e-envelhecimento-da-populacao

17

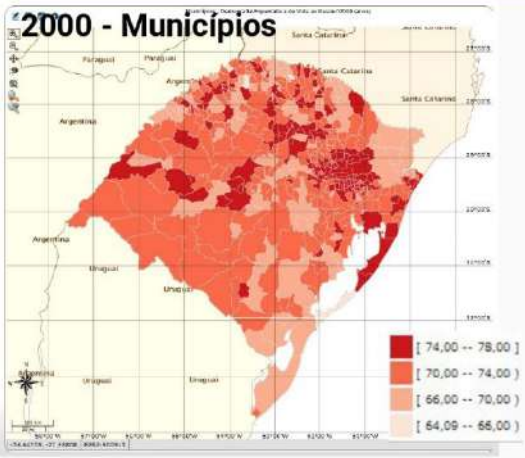


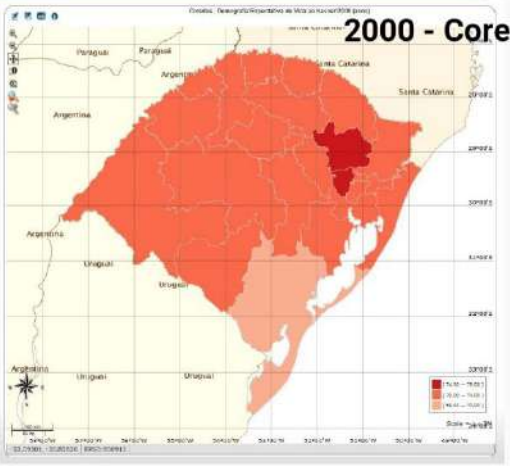


Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/piramides-etarias-e-envelhecimento-da-populacao

18

Expectativa de vida ao nascer (em anos)



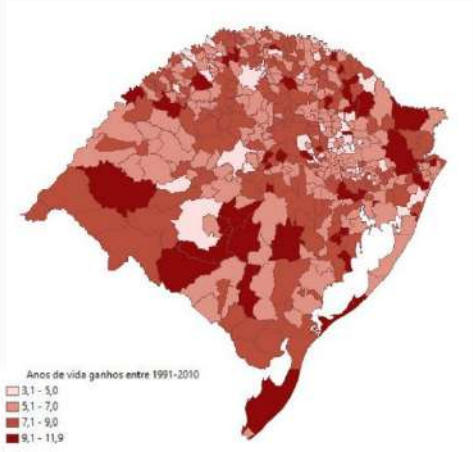


Dados: DEEDADOS
http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://bit.ly/colorbrewer4red

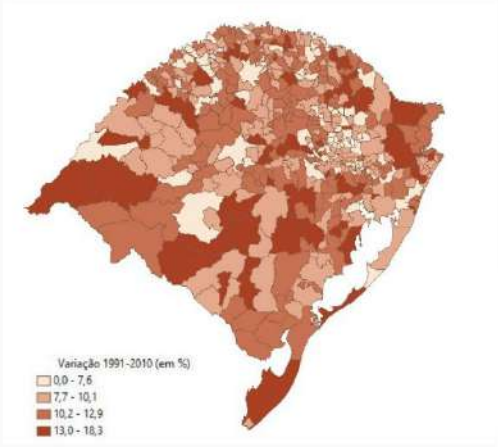
19

Expectativa de vida ao nascer nos municípios do RS entre 1991 e 2010

Crescimento na expectativa (em anos)



Variação percentual na Expectativa (em %)

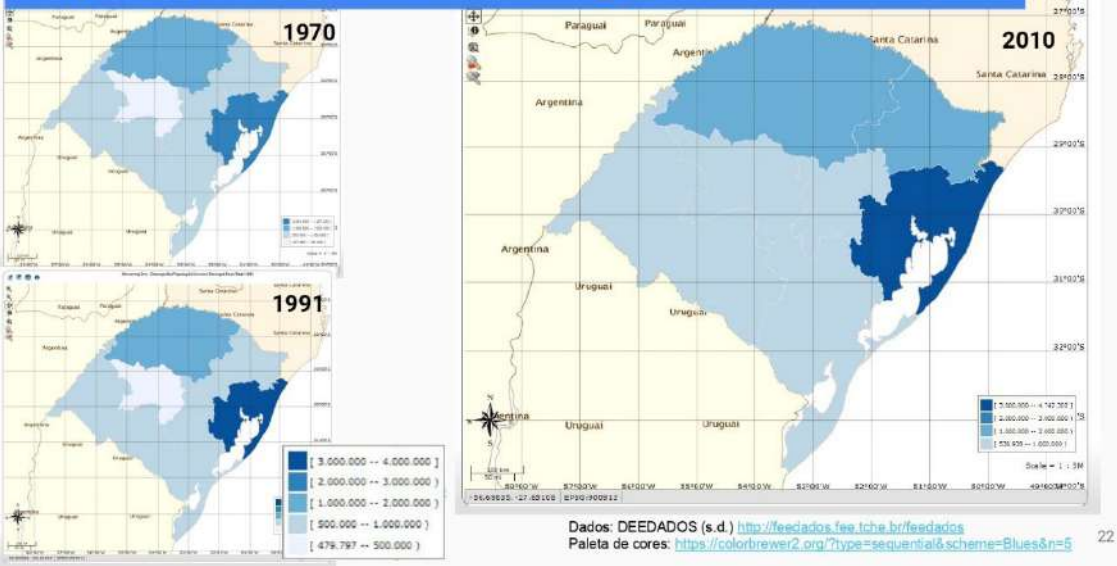


Elaborado no ArcGis por Ricardo Dagnino (2022) com base nos dados de DEEDADOS (s.d). http://feedados.fee.tche.br/feedados

Crescimento e (Re)distribuição da população

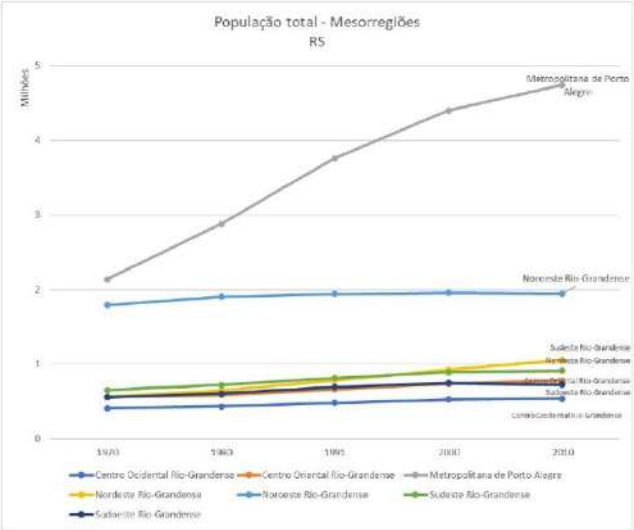
21

População total - Mesorregiões



Dados: DEEDADOS (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://colorbrewer2.org/?type=sequential&scheme=Blues&n=5

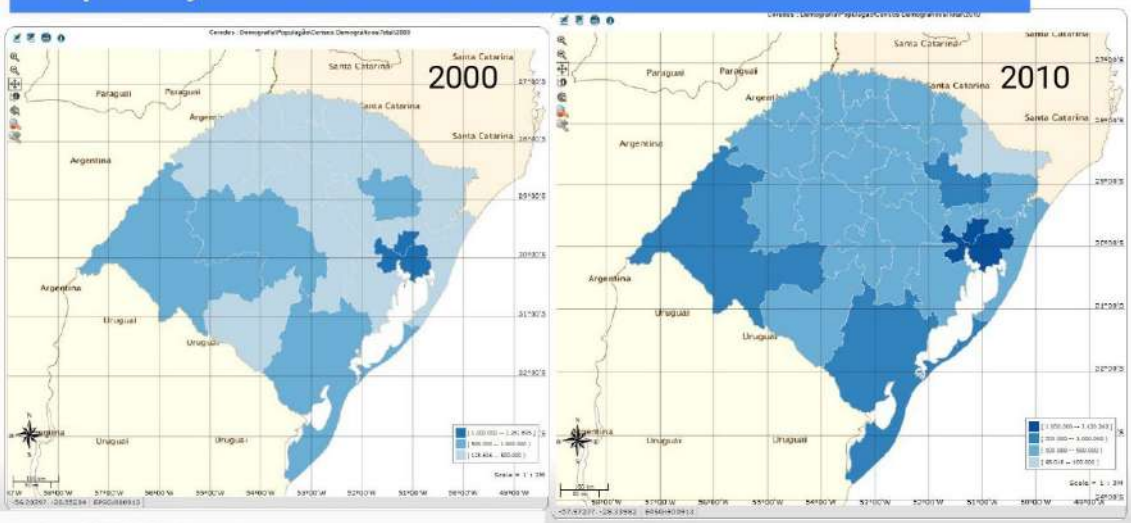
22



Dados: http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://colorbrewer2.org/?type=sequential&scheme=Blues&n=4

23

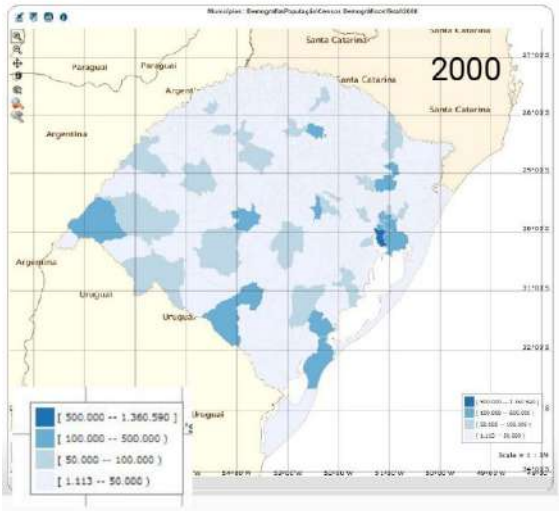
População total - Coredes

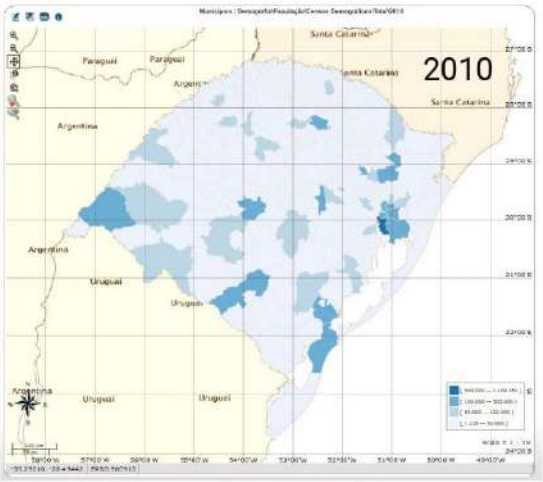


Dados: DEEDADOS (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://colorbrewer2.org/?type=sequential&scheme=Blues&n=4

24

População total - municípios

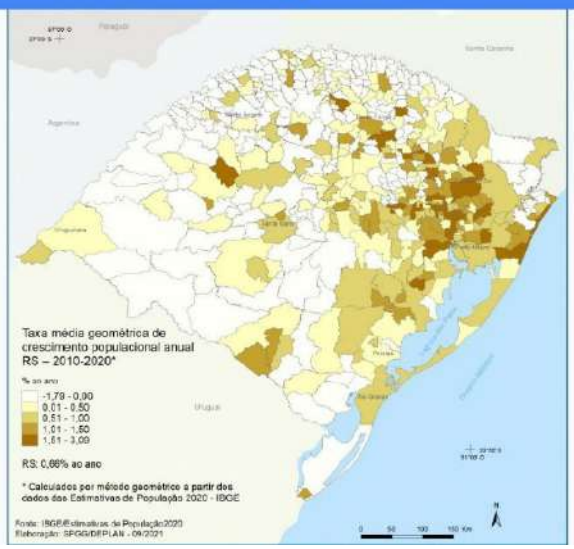




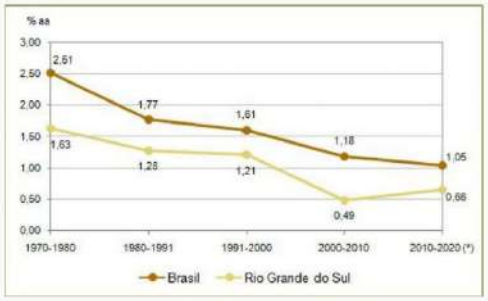
Dados: DEEDADOS (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados
Paleta de cores: https://colorbrewer2.org/?type=sequential&scheme=Blues&n=4

25

Crescimento (e decrescimento) demográfico



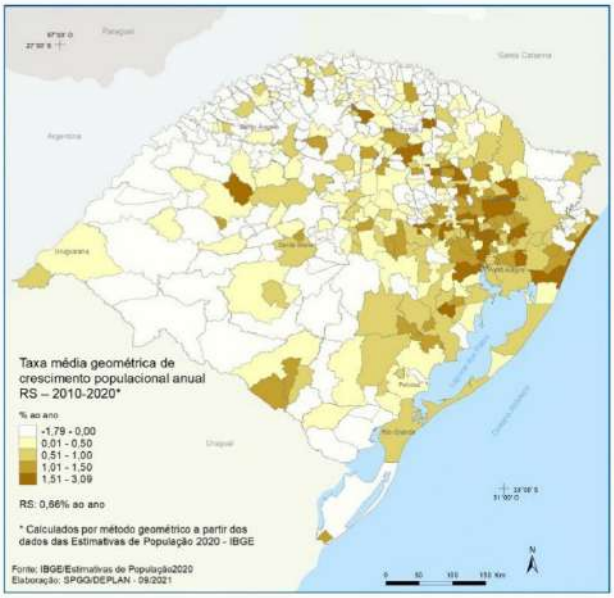
Taxa de crescimento Anual da População do Brasil e RS - 1970-2020

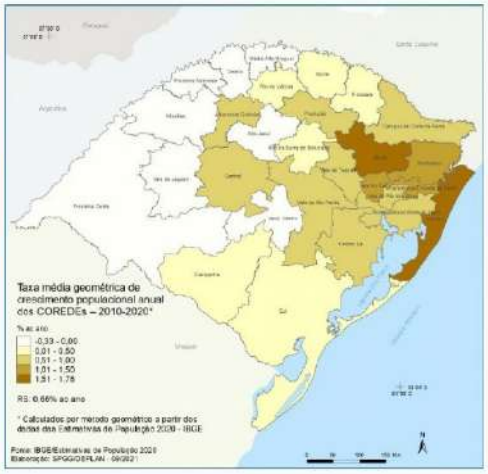


Fonte: IBGE/Censos Demográficos e Estimativa da População 2020
* Considera a população estimada de 2020 e a população recensada de 2010

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/crescimento-populacional

26

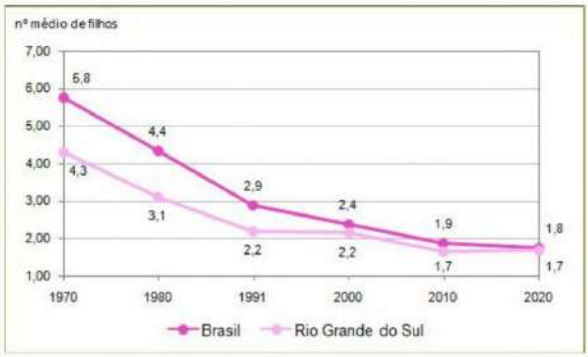




Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/crescimento-populacional

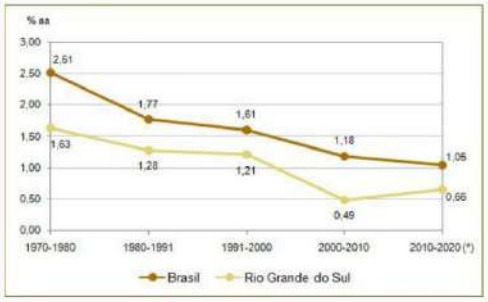
27

Taxa de Fecundidade do BR e RS – 1970-2020



Fonte: IBGE/ Indicadores implícitos na Projeção da População - 2010/2060

Taxa de crescimento Anual da População do Brasil e RS - 1970-2020

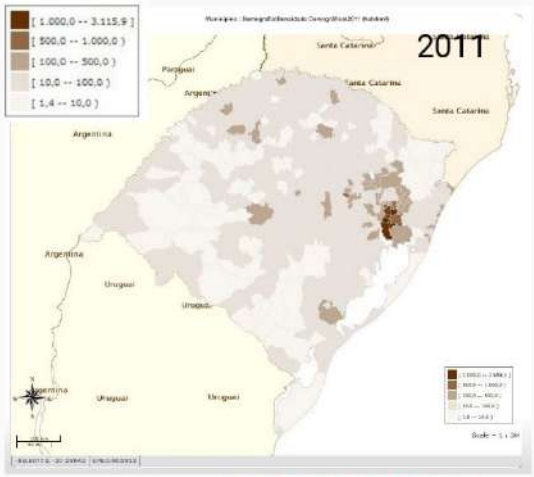


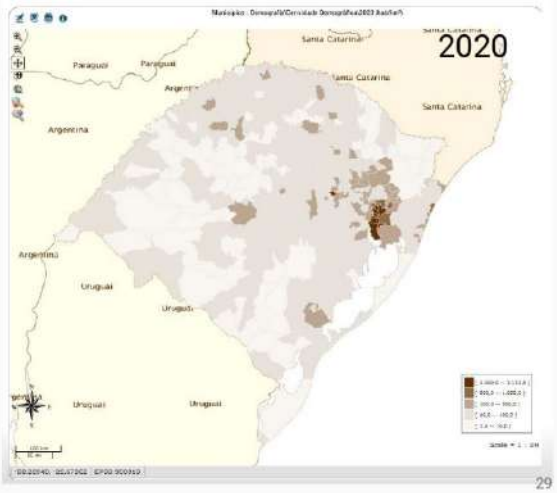
Fonte: IBGE/Censos Demográficos e Estimativa da População 2020
* Considera a população estimada de 2020 e a população recenseada de 2010

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/crescimento-populacional

28

Densidade demográfica

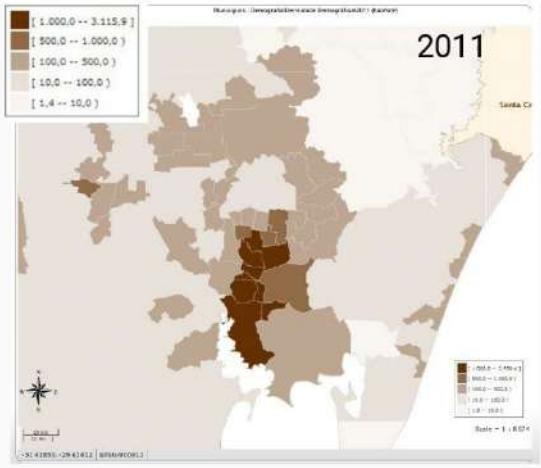


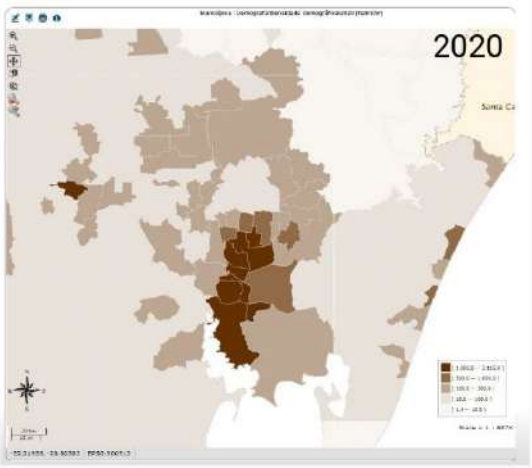


Dados: DEEDADOS (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados

29

Densidade demográfica

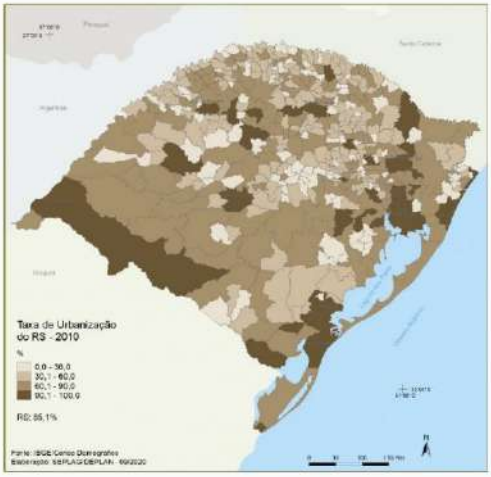


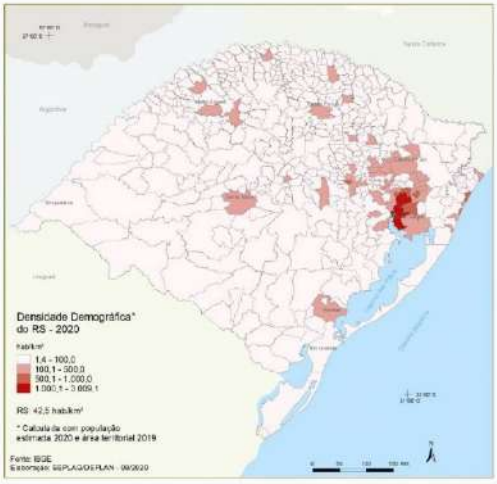


Dados: DEEDADOS (s.d.) http://feedados.fee.tche.br/feedados

30

Grau de Urbanização X Densidade





Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (RS, 2020)
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/grau-de-urbanizacao
https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/distribuicao-e-densidade-demografica

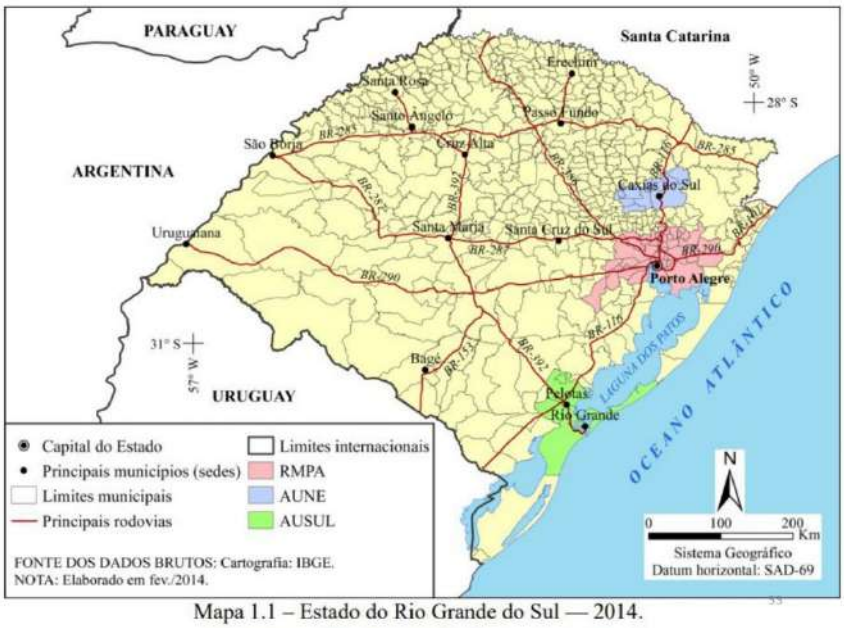
31

Outros indicadores para pensar a desigualdade no RS

32

Modelização do potencial de inovação do RS

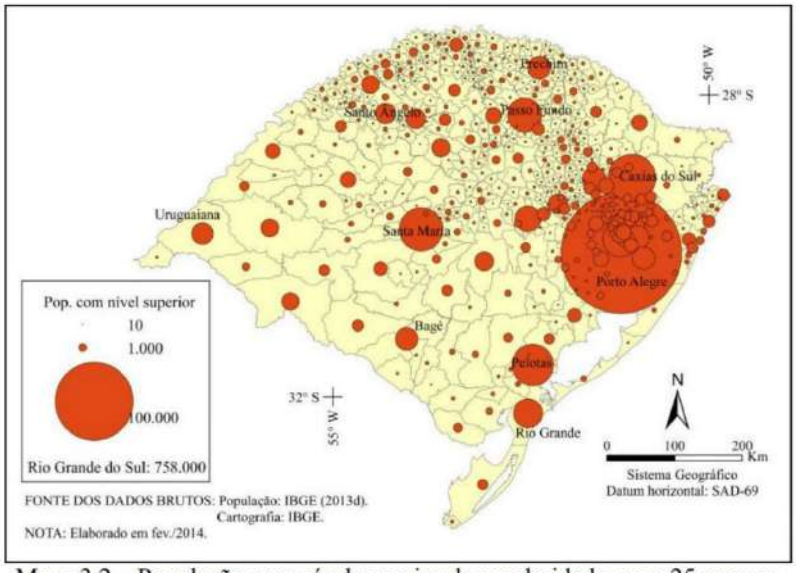
Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Mapa 1.1 – Estado do Rio Grande do Sul — 2014.

Modelização do potencial de inovação do RS

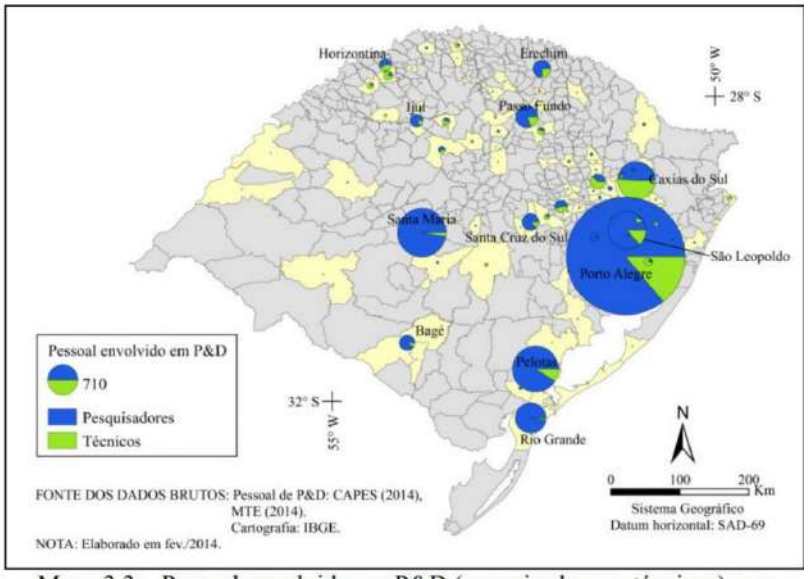
Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Mapa 3.2 – População com nível superior de escolaridade, com 25 anos ou mais de idade, por municípios, no Rio Grande do Sul — 2010.

Modelização do potencial de inovação do RS

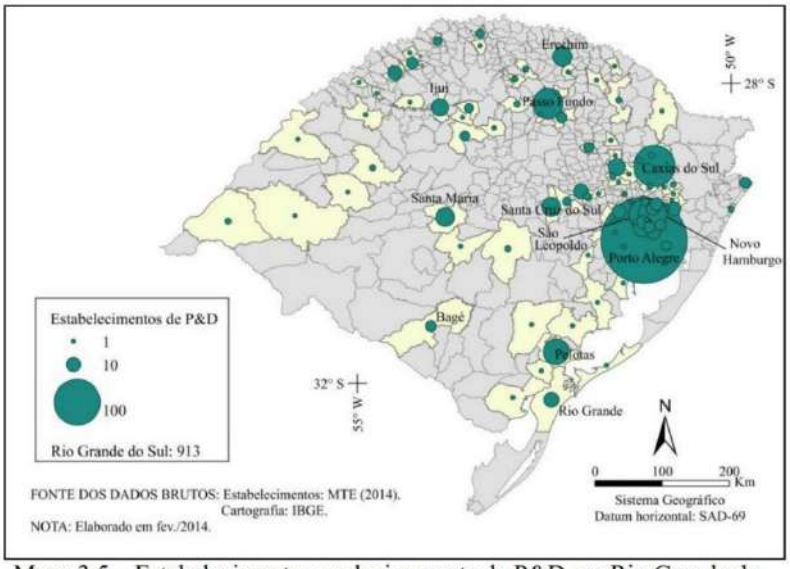
Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Mapa 3.3 – Pessoal envolvido em P&D (pesquisadores e técnicos), por municípios, no Rio Grande do Sul — 2012.

Modelização do potencial de inovação do RS

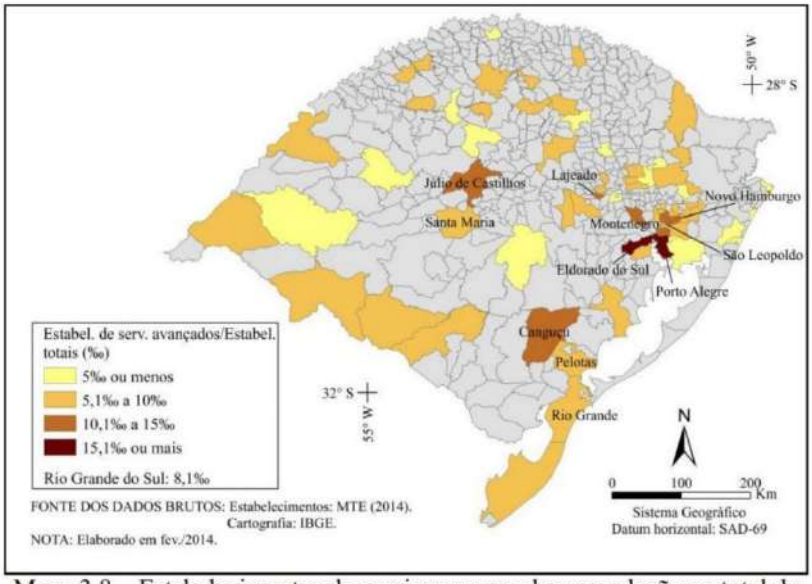
Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Mapa 3.5 – Estabelecimentos exclusivamente de P&D, no Rio Grande do Sul — 2012.[60]

Modelização do potencial de inovação do RS

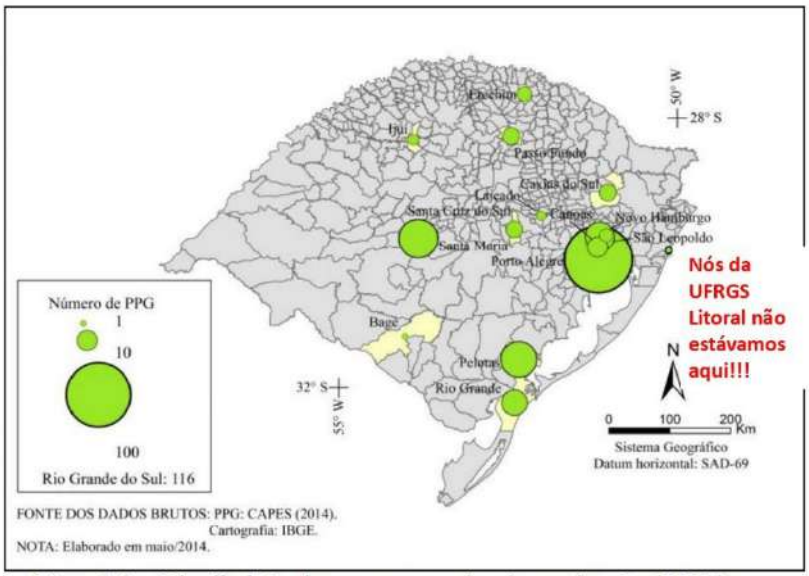
Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Mapa 3.8 – Estabelecimentos de serviços avançados em relação ao total de estabelecimentos (‰), por municípios, no Rio Grande do Sul — 2012.[63]

Modelização do potencial de inovação do RS

Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



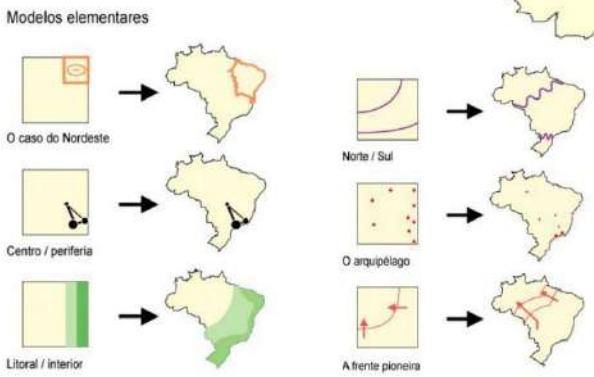
Mapa 3.9 – Distribuição dos programas de pós-graduação (PPGs), por municípios, no Rio Grande do Sul — 2010.

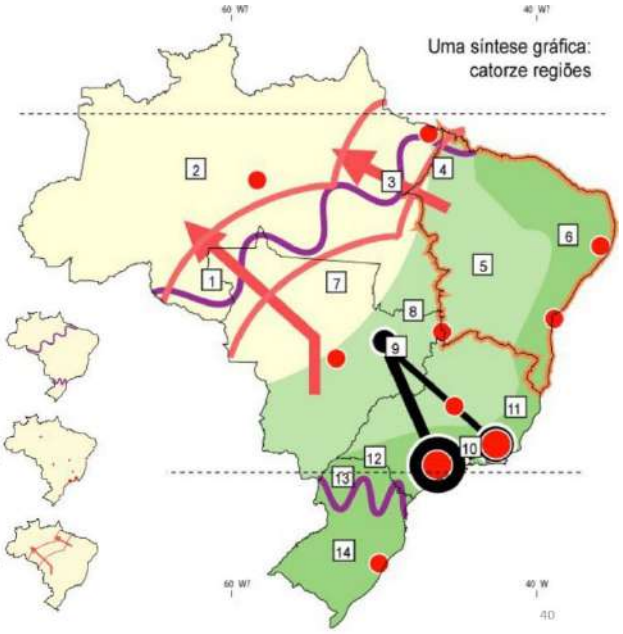
Modelização gráfica e coremática da desigualdade espacial

39

Modelização BRASIL

Fonte: Hervé Théry (2007) e THÉRY, H.; MELLO, N. Atlas do Brasil: Disparidades e dinâmicas do território. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

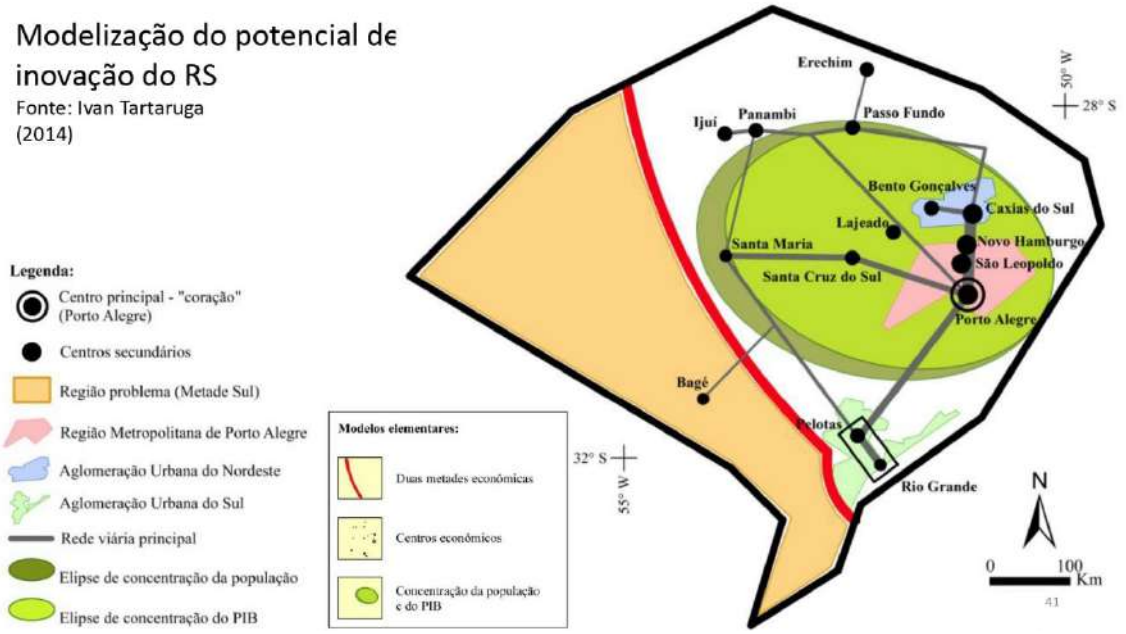




40

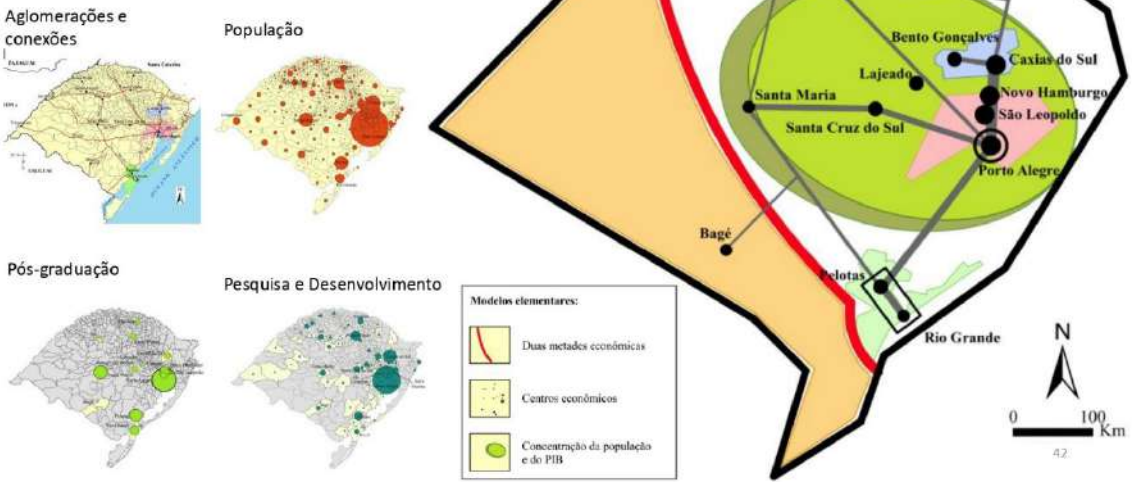
Modelização do potencial de inovação do RS

Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Modelização do potencial de inovação do RS

Fonte: Ivan Tartaruga (2014)



Referências

ÁVILA, R. e MONASTERIO, L. (2006) "O MAUP e a Análise Espacial: um estudo de caso para o Rio Grande do Sul (1991-2000). In: Anais do Terceiro Encontro de Economia Gaúcha. Porto Alegre: FEE / PUC-RS. Disponível no site da FEE em: http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m23t01.pdf

DAGNINO, Ricardo. Expectativa de vida ao nascer nos municípios do Rio Grande do Sul, Brasil - 1991, 2000, 2010. Harvard Dataverse, 2022. https://doi.org/10.7910/DVN/XTDIKHG

DEE - Departamento de Economia e Estatística. DEEDADOS. Porto Alegre: Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, s/d. (Coordenação: Bruno Paim, Pedro Tonon Zuanazzi. Interfaces e desenvolvimento: EGEOS-Consultoria e Sistemas de Informação Ltda. Equipe Técnica: André Luiz Leite Chaves, Antônio Ricardo Belo, Josué Klafke Sperb). http://feedados.fee.tche.br/ Todos os dados foram consultados em julho de 2022.

OPENSHAW, S. and TAYLOR, P. J. (1979). A million or so correlation coefficients: three experiments on the modifiable areal unit problem. In: WRIGLEY, N. (org.) Statistical Applications in the Spatial Sciences. London: Pion Limited.

PAIVA, Carlos. Por que alguns municípios crescem tanto e outros tão pouco? In: PAIVA, C. (org.) A evolução das desigualdades territoriais no Rio Grande do Sul entre 1970 e 2000. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2008. https://territoriopaiva.com.br/producao-teorica/livros/autor

PAIVA, C. Fundamentos da Análise e do Planejamento de Economias Regionais. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, 2013. https://professor.ufrgs.br/dagnino/files/paiva_2013_fundamentos_da_analise_e_do_planejamento_1.pdf

PAIVA, Carlos. A dinâmica recente da economia gaúcha. Aprofundamento das desigualdades regionais e perda de expressão relativa na Economia brasileira. (Apresentação realizada durante a Mesa 2: Os desafios do desenvolvimento do RS e as desigualdades regionais: diagnóstico e políticas de enfrentamento no Seminário Desigualdades Regionais e Planejamento Federativo). Porto Alegre, 2022. https://youtu.be/xZLn0LtNV7M?t=9873

PERES DE ÁVILA, R.; MONASTERIO, L. (2009). O MAUP e a Análise Espacial: um estudo de caso para o Rio Grande do Sul (1991-2000). Análise Econômica, 26(49). https://doi.org/10.22456/2176-5456.1115

RS - Rio Grande do Sul. Atlas Socioeconômico: Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Coordenação e Planejamento (SCP), 2002. 2. edição. https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/22165117-atlas-socioeconomico-do-rs-2-eda.pdf e https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/15-anos-do-atlas-socioeconomico-do-rs

RS. Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Planejamento Governamental, 2020. 5 ed. ISBN 9786587878003. https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ficha-catalografica e https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/15-anos-do-atlas-socioeconomico-do-rs

TARTARUGA, I. G. P. Inovação, território e cooperação: Um novo panorama da Geografia Econômica do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 334 f. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106435>. Acesso em: 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 179-188, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123894>. Acesso em: 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé. Chaves para a leitura do território paulista. Confins – Revista Franco Brasileira de Geografia, n. 1, p. 1-13, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/25>. Acesso em 20 out. 2021.

THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. Atlas do Brasil: Disparidades e dinâmicas do território. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

WOOD, C.; CARVALHO, J. A demografia da desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1994. (1ª Edição em inglês: The Demography of Inequality in Brazil - 1988) https://doi.org/10.1017/CBO9780511759901